



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano XIV — N.º 343 — Preço 1\$00
27 DE ABRIL DE 1957

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS
Vales do correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Facetas de uma Vida

Ai por 1898 o Américo desapareceu do nosso convívio na escola oficial de Galegos. O pai, talvez para mais rápido aproveitamento, visto ter de seguir estudos, tinha-o matriculado com o irmão António no Colégio de Nossa Senhora do Carmo, em Penafiel.

Eram externos e receberam hospedagem na casa da família Henriques contígua ao Colégio, gente séria e bem conceituada.

A família do Bairro era mui-

Outra meia hora lhe chegava para se pôr ao corrente de tudo. Quem ocultaria ao Ramirinho do Bairro fosse o que fosse, sendo como era para bem dos meninos?

Já bem informado, se ainda dava uma saltada ao colégio, era só para dizer ao Padre Eduardo:

— Não mos poupe. Cheguelhes, que eles são malandros.

Dirigia o Colégio Monsenhor

aberto em todas as direcções num deslumbramento de luz e de cor. O Américo, que amava a natureza e a amplidão, devia sentir-se bem ali.

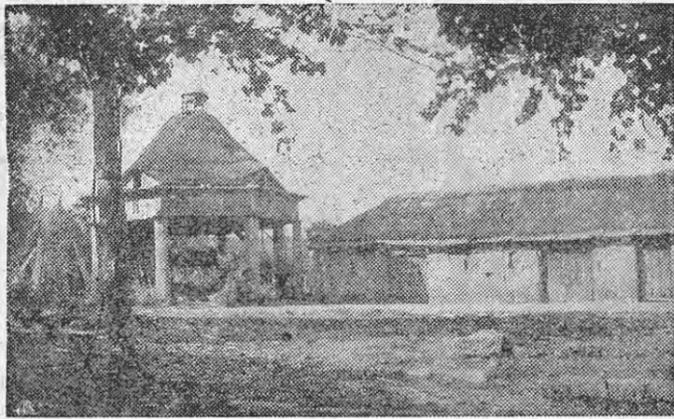
Todos que por lá passámos nos sentíamos bem. Havia beleza nas coisas e as pessoas eram bondosas e amigas. Na minha longa carreira escolar passei por dois colégios, dois seminários e duas universidades. De nenhures me ficou recordação tão saudosa e perdurável como dali. Ali o Américo devia sentir-se bem.

Do teor e sentido da sua vida em Santa Quitéria pouco foi possível averiguar. Os seus contemporâneos, que tiveram a gentileza de nos escrever, recordam-no bem, mas apenas podem dizer que era um aluno afável e bondoso, alegre e traquinas como os mais, se bem que por vezes concentrado e taciturno.

Entretanto o Dr. Luiz Gonzaga frisa que era um rapaz «vivo e alegre, de boa conduta que já por aqueles tempos revelava tendências para crises de exaltação espiritual e concentração mística».

O P.e Luiz Castelo Branco apresenta-no-lo como um «es-

— Continua na 2.ª página —



«Sempre que estava na eira a guardar os cereais, que ali secavam, não passava pelo caminho pobre algum que não levasse uma esmola de milho ou feijão. Por medida usava o boné que trazia na cabeça».

to conhecida e estimada em Penafiel. Os dois rapazes encontravam-se, pois, entre gente acolhedora e amiga. Mas tal ambiente não era em tudo vantajoso para eles.

É que o Snr. Ramiro Monteiro de Aguiar não tirava o sentido dos filhos e, quando os afazeres lho permitiam ou a isso o obrigavam, montava a cavallo e numa galopada de meia hora estava na cidade.

José Minhoz, figura muito distinta mas austero e disciplinador, nada para brincadeiras. Tinha como seu braço direito, e robusto que ele era, o Padre Eduardo Nogueira que em severidade lhe não ficava a dever nada. Cá pela região, e até ao longe, dizia-se:

— Se quer que o seu filho endireite, meta-o no Colégio do Carmo.

E o caso é que o Colégio abarrotava de alunos. Até o Ramirinho do Bairro, que era de velha escola e tinha sobre educação o seu modo de ver peculiar, para lá mandou os filhos.

Não haja dúvida, o pobre Américo, com os seus doze anos irrequietos e travessos, estava em boas mãos!

Não sei porquê, após uma estadia, que não deve ter sido longa, em Penafiel, os dois irmãos Aguiar foram transferidos para o Colégio de Santa Quitéria em Felgueiras.

Este colégio situava-se distante da vila no planalto do «Monte da Santa» como na região chamavam ao local.

Era um edifício grande e airoso, com um longuíssimo friso de janelas viradas ao sol, recreios enormes sem paredes nem balizas, horizonte

A modalidade na construção de casas para trabalhadores pelos próprios trabalhadores não é, por certo, a mais fácil; mas talvez seja, de longe, a mais humana, a mais cristã e, por último, a mais rendosa. O primeiro trabalho é falar a dez rapazes um por um. Nunca, isto é fundamental, se deve falar ao princípio a um grupo muito maior, a um aglomerado de muitas pessoas, seja numa igreja, seja num salão paroquial, seja numa casa do povo, seja numa escola. Nunca.

O método tem de ser totalmente diferente. Chama-se um rapaz e, absolutamente sozinho, de alma para alma, de ho-

Casas para Trabalhadores

mem para homem, de amigo para amigo, falaremos na construção da sua casa, como uma «obra dele, por ele e para ele» feita em íntima colaboração com nove companheiros, escolhidos por eles, mutuamente, obedecendo todavia a estas condições: Serão rapazes pobres que não possuem casa, serão trabalhadores e, de preferência, pertencentes a famílias numerosas.

Logo nessa primeira conversa acentuaremos bem as dificuldades enormes da empresa a levar a cabo, as exigências extraordinárias que a todos são pedidas. Não ter medo de falar em dificuldades, em exigências, em sacrifícios desde a primeira hora. Os rapazes nunca poderão dizer: Enganaram-nos. Mas acrescentaremos: O resultado é garantido. A união fará sempre a força. Melhor do que ninguém executaremos o lema: «Todos por um e um por todos». Ficarão as casas mais belas de toda a freguesia, ainda que sejam mais modestas. É de novos e para novos este admirável propósito: «Viver, deixar viver, ajudar a viver». É muito mais nobre «produzir» do que consumir. Esta obra é digna da juventude e passará à posteridade. Talvez penses no casamento, já fizeste talvez a escolha da tua querida e única. Não terás um prazer único em lhe ofertares, como prença de casamento, uma casa feita por ti? Nota bem esta realidade: No dia do teu casamento ofereceres à tua noiva uma casa feita por ti e em colaboração com dez rapazes. Estas palavras ou outras semelhantes, ditas a um jovem trabalhador num lugar um pouco retirado da povoação onde habitualmente vive, levando-o a participar na conversa, a fazer perguntas, a pôr dificuldades, não ficarão sem produzir os seus efeitos.

Padre Fonseca

Património dos Pobres

Uma das facetas mais sublimes desta campanha para a construção de casas para os sem elas e sem esperança de as ter é precisamente a dos grandes actos heróicos de renúncia e de solidariedade cristãs.

Há dias, numa certa freguesia, foi convidada para habitar uma casa uma família muito necessitada. Esta família, muito respeitosamente agradeceu, mas apontou outra família vizinha que lhe parecia mais pobre. Caiu tão bem aquele gesto de nobreza, que o Senhor Bispo, em visita naquela freguesia, falou ao povo e todos se juntaram e vão fazer outra casa para contemplar aquela família. No mundo de hoje, cheio de egoísmo, ficam tão bem e chocam tanto estes actos!

Vamos ver um pouco do movimento do Património no centro e sul. Não ver como

simples curiosos ou espectadores, mas ver cristãmente e dar glória ao Pai que está nos Céus por Seu Filho Jesus presente no meio dos homens.

A freguesia de Tavares da Figueira da Foz, no dia da festa de despedida da Imagem de Nossa Senhora Peregrina, entregou as suas duas primeiras. Grande remate de festa e grande lembrança a perpetuar a passagem da Imagem da Mãe do Céu.

Em A-das-Lebres da freguesia de Santo Antão do Tojal foram entregues a casa dos Empregados do Banco de Portugal e a das Alunas da Escola Josefa de Óbidos, de Lisboa. Parte dos oferentes esteve presente e contemplou com seus próprios olhos a ale-

Visado pela
Comissão de Censura

gria das famílias que as foram habitar e levaram vontade de continuar a trabalhar. Deus os ajude.

As primeiras quatro de Oeiras foram já habitadas. Outras se lhe hão-de seguir. Há terreno, há boas vontades e há o Pároco a sentir as aflições de seus paroquianos.

A cidade de Santarém foi enriquecida com mais seis moradias que foram entregues na presença das autoridades e muito povo. Todas elas são um mimo.

Estremoz reuniu-se todo à volta da sua primeira. É um encanto de casa! Nem sequer faltou o mármore polido nos peitoris das janelas e nas soleiras das portas. Foi habitada uma família de doze pessoas. Foi descerrada, por uma das crianças mais pequenas da família, uma lápide em honra do Fundador do Património. Logo ao pé está outra em acabamento. Já há terreno para mais e o Senhor Prior não descansa.

— Continua na 2.ª página —

O «Doutrina»

A última folha saiu.

O grande salão dos encadernadores regorgita deles. É dobrar. É amontoar. É o trazer das folhas e o levar delas. Uma azáfama.

Já não pode ser a lembrança da Páscoa aos amigos. Mas no Pentecostes esperamos que sim.

São só mais cinquenta dias. E então, naquela Festa que comemora o início da Igreja, começará a correr entre os leitores sequiosos, partida aos bocadinhos, Doutrina que e Jesus Lhe entregou e Ela conserva, guarda e ensina.

A inquietação de futuros Sacerdotes

Há poucas semanas, o Prelado do Porto reunia no seu Seminário Maior, clero e leigos de boa vontade para tratar com eles problemas concretos do Apostolado da Caridade. Trocaram-se impressões; puseram-se em comum experiências feitas; recordaram-se pontos fundamentais de doutrina. Nem faltou a leitura de trechos da Escritura documentando a perenidade desta forma de acção católica. O que se colhe das sementeiras, no tempo delas só Deus o sabe. Mas já ninguém mais pode recusar de boa fé o interesse efectivo do Pastor pela vida total do povo que Deus lhe confiou.

Ora um tal apelo de um Bispo, não fica sem eco, ao menos, no coração do seu clero jovem. Nas varandas da

quela sala, seminaristas seguiam interessados o decorrer de tudo. E aqui, de origens mui diversas, outros, futuros e recentes sacerdotes, nos revelam por suas cartas a inquietação que os devora.

«A Senhora Berta (lembra-se dela?) está num caso de extrema necessidade porque o homem está internado no hospital. Na Conferência estamos a tentar acudir o melhor possível à situação dela. O F. é quem lá vai e disse-me agora para lhe pedir um subsídio durante os meses que o homem estiver doente. Ela tem passado fome negra. Ela reduziu para metade os gastos de comida. Como não há-de ter fome! Temos também um caso extremo. Quatro pessoas. Pais e dois filhos. O pai dei-

xa a casa; é um bêbado. O filho mais velho é doente; alimenta-se por um tubo de borracha por ter o esófago seco devido a ter bebido soda cáustica. A mãe metese a trabalhar por essas quintas a arranjar para o tratamento do filho nos hospitais e para sustentar a casa. Na véspera de Natal fomos encontrá-la muito doente. Tinha de dar entrada no hospital daí a dois dias. Os filhos, um a avó tomou conta dele; o outro ficou entregue à compaixão dos vizinhos que lhe davam uma buchasita de vez em quando. A Senhora Amélia, mulher do «maneta», que agora está muito doente também no hospital, mandou-o ir lá todos os dias comer com eles, mas por vergonha só apareceu uma vez. Os Pobres! Como eles compreendem! Como Cristo não os há-de compreender! O dito rapaz passou a vir buscar sopa ao Seminário. Há dias a Mãe vem de maca do hospital. Quer morrer em casa. A heroína! E foi ontem para o cemitério. Diz o senhor Padre que lhe assistiu, que ela estava tão bem preparada para morrer...»

«No Liceu, quando estudámos as Bem-aventuranças perguntei, numa espécie de inquérito, se conheciam alguém que visse da felicidade que elas prometiam.

Mas a luta é que é levada da breca, às vezes. O interesse, o dinheiro, a sensualidade, tudo. Até há pouco tempo só tinha dado pela presença de Deus no mundo. Começo a dar-me conta, sensivelmente da presença do outro, o Inimigo. Ainda se não tivesse as aulas...

Mas as aulas permitem-me certos contactos que muito aprecio. Alunos e professores. O mundo está todo fora de nós. As Universidades todos os anos despejam à rua dezenas e dezenas de formados sem Deus e sem Cristo. E nós vamos alimentando de ilusões. E eles vêm para o ensino, para a medicina, para a advocacia.

«Junto envio a assinatura do Jornal que tenho vindo a receber e que continuo a ler sempre com interesse. É mesmo das poucas coisas entre as muitas que tenho lido por devoção ou obrigação, que me «enchem» verdadeiramente. Nunca nenhum poeta escreveu nada que me «tocasse» e fizesse vibrar como o têm feito escritos do Pai Américo. Quase sempre coisas muito simples mas duma beleza absolutamente extraordinária!»

«A desgraça dos Pobres, para mim, é um grande mistério. Não sei se o da Cruz o resolve. Que vale tanta heroicidade em almas em pecado? Ai dos que podem e não cumprem o amor do próximo! Mas é impossível que tantas

situações injustas não clamem castigo. E o castigo tem de ser dado neste mundo, porque é cá que existe a injustiça. Há dias, no Evangelho do cego de Jericó, lembrei-me destes Pobres. Parecia-me ouvi-los a gritar: Senhor, nós queremos viver. Mas eles não dizem nada. Eles sofrem tudo. Os cegos somos nós, que não sabemos ler neles o mal causado pelos nossos pecados. E pode ser que para eles se abra a Luz da Glória, enquanto nós sejamos humilhados na nossa cegueira. Senhor, que eu veja!»

Quadros tristes, realidades duras, interrogações angustiadas — são o seu assunto. Mas

se ele é, como fugir à luta que deplorará esta verdade triste e dura que mente o nosso nome de cristãos, em vez de justamente combatermos até o alvorecer da manhã em que reine a Verdade, a qual suspende o castigo que «tem de ser dado neste mundo, porque é cá que existe a injustiça?»

Se tivessem ouvido a profecia, triste e dura, e também de esperança, ao menos dez. Sodoma e Gomorra teriam sido poupadas. Por amor dum mundo sobre que se suspenda o castigo «que terá de ser...», também para nós escolhamos a palavra do cego de Jericó: Senhor que nós vejamos! E vendo, daremos ao mundo o sinal de Cristo, que o mundo reclama e espera.

Campanha dos Cinquenta Mil

Vai sair a procissão. Melhor. A procissão está na rua e vai continuar. Para já, um testemunho de Vida. Ora prestem atenção:

«Há muitos anos que sou assinante do «Famoso» que é lido sempre à mesa do almoço aos Domingos e toda a família acha que essa leitura é a continuação do Evangelho da Missa dominical e muito bem nos tem feito a todos por isso muito obrigados.»

Como esta carta, quantas e quantas?!

«É lido sempre à mesa do almoço aos Domingos». Eu estou a ver, Pai, Mãe, Filhos. Pai à cabeceira. Mãe à direita. Filhos em volta. Olhos pregados nos olhos e na boca do Pai. Mui interessados no que aqui se diz e faz.

«Toda a família acha essa leitura a continuação do Evangelho da Missa dominical». Mas isto é formidável. Isto é verdade. De que fala, de que trata «O Gaiato» se não é só de Cristo, de Cristo Crucificado na pessoa do Pobre? Por isso não cansa. Por isso mesmo é lido, relido e saboreado todos os Domingos «à mesa do almoço». Ele há catorze anos e poderia, sim, mas não. Não cansa. Não enfada. Ele é a «continuação do Evangelho». E o Evangelho há vinte séculos que é. Outros vinte não-de-vir. E sempre actual. Assim «O Gaiato» por se identificar com Ele.

Atenção, Lisboa! Saiba-se que no Banco de Portugal anda por lá muito interesse pela Campanha. Muito! O assinante 11.119 mal contente com a colheita realizada conseguiu mais três assinantes. Mais três! E quantos vieram já! E quantos não-de-vir! Sim, que o Banco de Portugal não é só em Lisboa. São muitas dependências no país. Ora sendo Lisboa a cabeça não nos repugna acreditar que o nosso Amigo e mais uma comissãozinha de colegas lance um S. O. S. por todos, de todas as dependências, incluindo os superiores. Depois... Depois quem fica em casa?

Ermezinde. Ermezinde é nos arredores do Porto. Temos, por lá, gente conhecida, que assina e se delicia com as notícias do quinzenal. Pois Ermezinde não quer ficar atrás. E segue com mais cinco deles. Plenos de confiança, esperamos mais. Não-de-vir mais. Tantos quantos estão à altura de ler e saborear e compreender. Basta o povo encher-se de brio e vir por aí fora. Então, adeus Ermezinde!

Com dinheirinho à frente, é a vez da Beira. A cidade da Beira, na África Oriental Portuguesa. Nome tão conhecido e tão lido nas colunas do «Famoso». Ora estão aqui, acabadinhos de chegar de lá, mais nove assinantes. Cada dia me convence mais: a Beira é cachão. Ninguém lhe resiste. Ninguém. É a Beira. E está tudo dito.

Mais Lisboa! Uma estimada assinante da capital manda uma lista mui pesada. Com muitos nomes. Muitas moradas. Ao todo, nada menos de trinta e dois! A principiar pelo Senhor Padre Carlos, a gente não sabe se as pessoas indicadas deram consentimento. Se quiserem receber o quinzenal de livre vontade. Isso é que é bom frisar, como sucessivamente temos dito e redito. Por exemplo, temos aqui uma carta do Porto. Acompanha um rol de gente fresca e esclarece:

«Remeto uma lista de novos assinantes que meu marido conseguiu. Foram inscritos de livre vontade; só o que estão é anciosos por receber o «Famoso». Quanto ao pagamento das assinaturas estejam descansados. O meu marido far-lhes-á lembrar essa obrigação.»

Oiro sobre azul: «foram inscritos de livre vontade». Assim, até dá gosto. Além de certos a gente sabe que «estão anciosos por receber». Não mandem os chamados «assinantes prováveis». Facilitem-nos a vida. Quando não, é trabalho e tempo perdidos. E façam como esta assinante do Porto.

Mais África! O continente negro é um mar de revelações. Há, até quem tenha «O Gaiato» em tão boa conta que faça dele o primeiro e único mensageiro da Metrópole! E não leia mais nada, de mais ninguém! Eu não sei se os senhores têm reparado. Não sei. O certo é que não atraca em Lisboa um barco correio vindo da nossa África sem cartas com novos assinantes. Saibam disto os tripulantes dos barcos. Sendo portadores de preciosidades são, hoje, também, de outras, com outro valor bem maior. Ora isto tudo vem a propósito de Vila Lusa. Um assinante que para aí foi transferido, há pouco tempo, resolveu incendiar os corações daquele povo. O resultado do «incêndio» começou a chegar. Não tarda muito que Vila Lusa conheça, em peso, «O Gaiato» e a Obra da Rua. Pode demorar. Passar meses. Mas nós temos cá uma feçada...

Agora, eis a multidão anónima. Ele mais Porto, Lisboa, Coimbra, Figueira da Foz, Miranda do Corvo, Elvas, Luanda, Tondela, Rio de Janeiro, Lourenço Marques, Mação, Entroncamento, S. João da Madeira, Ponte da Barca, Braga, Sacavém, Lourinhã, Vila Nova de Gaia, Quelimane, Maiorca, Almeida, Matosinhos e mais; muitas mais terras, de muitos concelhos, de todos os distritos do nosso tão lindo e bem amado Portugal.

Júlio Mendes

Facetas de uma Vida

— Continuação da primeira página —

tudante regular, estimado por todos, mas nada se notando nele que saísse da vulgaridade».

Não deixa, porém, de ser significativo o ter sido recebido na Associação dos Filhos de Maria, o que mostra que se distinguiu pela sua conduta moral e pelos seus sentimentos de piedade. Recebeu, pois, a assistência espiritual do inescrutável P. e Jacinto de Sousa Borba. Nada teria adivinhado no Américo este grande sacerdote que era um verdadeiro santo e um fino psicólogo?

É também de registar um pequeno episódio que nos refere o Senhor João Seara.

Chegara ao Colégio para iniciar estudos um aluno novo, homem já feito, dezoito anos corpulentos, vocação literária demasiado tardia e, ao que parece, pouco segura. Ao Américo causou estranheza o facto. Se ele estava ancioso por se evadir dos livros, como vinha aquela boa alma, naquela altura da vida, meter-se naqueles trabalhos?

Num dia de bom humor saiu-se-lhe com esta:

— Oh! Zé, porque não pegas na viola e vais mas é ver a tua Maria?

A facécia fez sucesso e correu o giro da comunidade. O que o bom Américo não pôde então suspeitar é que a réplica a este dito, em que punha um sentir pessoal fácil de adivinhar, lhe viria da África alguns meses mais tarde. O seu irmão Jaime, perante o moderado apego do Américo pelos livros, escrevia de Lourenço Marques para o Bairro:

— Que aprenda inglês, pratique no comércio e venha para aqui.

Foi a libertação.

Todos concordaram por fim em que, decididamente, o Américo não era um apaixonado pelos estudos.

Nos Arcanos Divinos estava escrito que não seria por se

ter sentado nos bancos das escolas, mas por se ter ajoelhado na táboa dos genuflexórios, longamente, assiduamente, que ele viria a aprender e saber tudo quanto andou por este mundo a ensinar-nos.

Padre Avelino Soares

Património dos Pobres

— Continuação da primeira página —

A Páscoa de 1957 vai ficar gravada a fundo em muitas famílias portuguesas. Na nossa última viagem ao Alentejo encontramos treze a entregar em Moura; quatro em Aldeia Nova de S. Bento; dez em Amareleja; oito em Elvas; 2 em Arroios; quatro em Reguengos de Monsarás; 2 em Castelo de Vide.

O Senhor Prior de Alvito e Vila Nova prometeu que ia começar. O do Beringel anda a trabalhar. O Pároco de Serpa tem já muito feito e em breve se há-de ver. No Alandroal o Sr. Prior tem um projecto grandioso.

Agora subindo à Beira encontramos quatro em Manteigas; sabemos que em Medelim vão entregar duas; estão outras duas a ficar prontas em Vila Nova de Tázem; e três nos acabamentos em Teixoso.

Sobretudo no Alentejo, ficamos em algumas terras a desagradável impressão das casas em sistema de bicha; comboio, como dizia Pai Américo.

Reina por vezes o método da implantação muito simétrica. Os agrupamentos de casas muito alinhadas perdem parte da sua graciosidade e beleza. Dá-nos nota dos bairros «clássicos». Já que não é muito possível a construção em terrenos variados, porque no Alentejo os proprietários são poucos, ao menos demos aos grupos de casas variedade e originalidade.

Padre Horácio

VISTAS DE DENTRO

Já vai no segundo ano, navegando a todo pano, o jornal «A Voz dos Novos» que Daniel dirige para circulação entre todas as Casas do Gaiato. É sua intenção primária vincular os laços de fraternidade entre todos os que gozam ou gozaram o calor da Mãe que a Obra lhes tem sido ou foi e, secundariamente, oferecer uma tribuna aos que queiram ensaiar primeiros passos nas lides jornalísticas.

A iniciativa é ótima. Aberta a todos os rapazes de todas as casas. Até agora tem vivido demasiadamente da «carolice» do Daniel, mas começa a alargar-se a colaboração — o que muito me alegra.

«A Voz dos Novos» só pelo facto de existir — iniciativa deles, de cabo a rabo realizada por eles, e em geral com seriedade, verdade seja dita! — é já um caso de Vistas de Dentro. Mas o último número de Fevereiro vinha muito bom. Tanto, que eu não resisto aqui a transcrever, «com a devida vénia», o que se segue.

uma ensaboadela no «Tira-Olhos» por andar a jogar a bola na hora do trabalho. Aqui a ordem é: Ano Novo, colher de pau velha. Sempre a mesma história...

A descasca batatas está o chefe da cozinha que nos vai reponder:

— Qual a tua maior aspiração neste novo ano que agora começou?

— Que acabassem com as batatas, pois dão muito trabalho.

— Então é por isso que o comer tem andado atrazado, não?

— Nada disso. É que nós andamos ainda pela hora velha...

Mesmo ao lado fica a cozinha no forno e o «Sediolo» na sua faina: Fornada cozida, fornada repetida.

— Que mais aspiras tu neste novo ano?

— O que respiro? Essa é boa!

— Não. Que melhor prenda desejavas para a cozinha?

— Ah! Uma pá nova, pois esta está toda comida, lenha

de futebol. Uma gravata nova e um ió... ó!...

Vem a seguir a impressão. Dou com um magote deles a discutir e o Domingos a querer metê-los na ordem. Foi o Ramada que trouxe coisas boas, pois tinha chegado da venda e não queria repartir.

— Deste mais àquele do que a mim!

— Olha eu!

— E a mim não me toca nada?

— Quando eu tiver alguma coisa também há-de afiar o dente!...

Aproveitamos todo este sarilho para fazermos o disparo certo ao mestre Domingos:

— Os serviços aqui começaram bem?

— Menos mal mas eu vejo-me suado para aturar toda esta gente!

— Qual a maior aspiração para este ano?

— Que seja melhor que o outro e podes lá pôr que se me saísse a sorte grande eu nada me chatiava. Era de gritos...

O impressor de «A Voz dos Novos» que estava a ouvir a conversa, não quis ficar atrás:

— Que o presépio dos miuditos fosse o vencedor e que a Voz dos Novos saísse com mais páginas e mais vezes. Tenho a coleção e não a dou a ninguém por nada! Bravo «Eirinhas»! Que o teu desejo seja em breve uma realidade! Diz o «Relhas»: eu queria que o Benfica fosse o campeão! Acrescenta o «Eirinhas»: E o Porto que está lá a fazer? O Miguel: O Gaiato é melhor que esses todos. Põe lá também que eu queria uma fiska para ir aos parais e correu para trás da máquina «Planeta» todo contente.

Subimos à Redacção para colhermos mais impressões. Está mais à mão o «Doutor Bonifácio», pronto para o que der e vier...

— Que tal as entradas no Ano Novo?

— Não foram más mas podiam ser melhores.

Desde que ocupas o cargo geral dos Serviços Centrais tens deparado com alguma dificuldade?

— Qual quê! Dificuldades para mim? Não sabes quem eu sou?

— Desculpa Leites. Não foi por mal.

— Que mais precisavas tu neste jovem ano que agora começa a entrar na história?

— Um avião a jacto para dar a volta ao mundo.

— Não há dúvida e que mais?

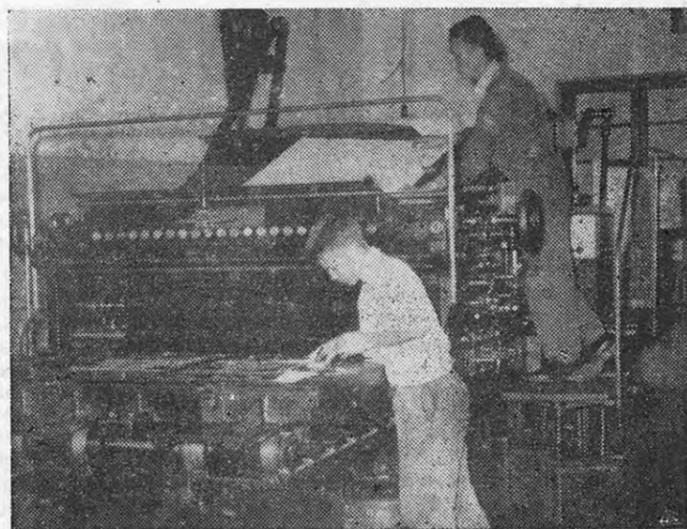
— Uma espingarda para ir à caça...

O Manuel Santos que estava perto acrescenta: «Eh pá. Tens um paleio!»

Ali perto estava o Roque a a falar sozinho. Era a refilar com o trabalho.

— Então não gostas deste lugar?

— Nem a tiro. Gostava mas era de ser Travassos!



«Vem a seguir a impressão».

Ao sair daqui dou com o Roelita, que hoje completa dezoito risonhas primaveras, que me diz em ar chatiado:

— Estou aqui à espera dum tipo que me deve 500 paus... Tenho a impressão de que vai haver barulho!

— Quais as tuas aspirações para este novo ano?

— Uma bicicleta nova e atingir a primeira categoria do Gaiato!

O Adelino Veiga que estava perto disse que gostaria de ter uma casa. Oxalá que consiga seus intentos.

No caminho voltamos a encontrar o «Dr. Bonifácio». Vi-

nhá com cara de poucos amigos.

— Que foi isso?

— Ando aflito.

— Então porquê?

— Queria ver se me safava da tropa.

Mais adiante, mirando as capoeiras, não sabemos com que intenção, estava o Britinho.

— Estás bom?

— Podia estar melhor. Perdi 24 tostões...

— Qual a prenda que gostavas te dessem neste 1957?

Resposta pronta e rápida: — Um colete de varas!...

AGORA

Verbos. Verbos que a vulgaridade conjuga na 1.ª pessoa quanto ao sujeito e ainda nela quanto ao fim da acção expressa pelo verbo, aparecem aqui com significado e projecção diferentes.

Ambicionar, sonhar, propor-se... interesses que são do sujeito depois, somente, de terem dado felicidade aos irmãos. Quem pode resistir à sedução desta coluna? Ninguém, por causa do «eu ambiciono», «eu sonho», «eu proponho-me...» erguer uma casinha para quem a não tem.

Ao principiar esta secção, para não ir por aí além no espaço (senão tenho de ouvir o Júlio mal-lo Daniel!), costumo fazer uma breve classificação dos donativos. Tem-me impressionado, e hoje especialmente, a esmagadora maioria dos que «sonham», «ambicionam», «se propõem» e, por isso, não ficam em veleidades e mandaram ontem e mandam hoje e voltam amanhã e depois, até cortarem a meta do seu «sonho», da sua «ambição». Alguns vão até ao extremo de suplicar desculpa pela demora: «Peço-lhe me perdoe a lentidão com que tenho contribuído, mas infelizmente não me tem sido fácil realizar o meu desejo». Esta Maria do Bonfim, que tão bem fala, já completou a 7.ª prestação de 500\$00 cada.

Mas quem procura ou espera soluções de paz fora de «sonhos» e «ambições», desta sorte? Diz o povo que «mordedura de cão se cura com pelo do mesmo cão».

Ora, pois, se o mundo se degladiava por causa da ambição, por que não curar as mordeduras desta com o pelo macio daquelas «ambições», daqueles «sonhos»?!

Depois da Maria do Bonfim, passam na corporação dos que ambicionam e por isso têm lugar marcado, um Engenheiro de Lisboa com a 2.ª prestação de mil e o mesmo do Zé Ninguém, «primeira das dez que ambiciono mandar».

Ora se me dá licença um pequenino esclarecimento: Não são 10 mas 12 as prestações de mil para uma casa. Desculpe eu dizer, mas cuido que quererá ir até ao fim.

Tenho agora a registar várias presenças em duplicado. É que não aparecendo esta secção já há três quinzenas, apanho prestações de dois meses. Assim sucede com M. de Nova Lisboa (mil de cada), Casa Candidinha e seu pessoal (400\$+400\$) e o do plano decenal (2 vezes 100\$).

A 7.ª e 8.ª prestação da «Casa do António e do Fernando», outra 8.ª do assinante 6.790 e 3.000\$ para «uma parte da casa».

A Alda, da Beira, só lhe faltam 1.000\$00, «que brevemente seguirão se Deus quiser»; e ao J. L., para a casa «A minha noiva», 6.500\$00; e 1.500\$00 para a «Casa da Avó».

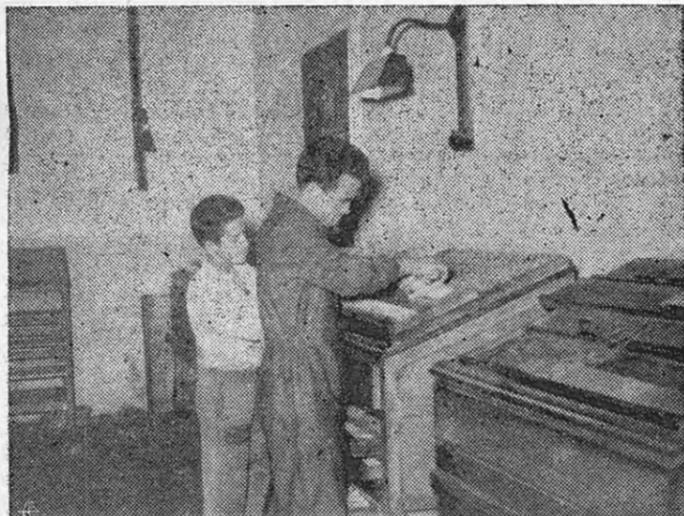
Agora passam duas casas por inteiro: «Casa Maria das Neves» e «Casa do Preciosíssimo Sangue de Jesus». A seu tempo diremos, onde elas vão ser. Padre Horácio até já tem recado de procurar para a última as proximidades de Évora, donde era o Pai da ofertante.

Mais esta linda mensagem de Isabel-José: «Quis Deus de novo este ano que os meus patrões me dessem uma gratificação, pelo que tanto eu como minha mulher temos muita alegria em enviar a percentagem *devida* ao Gaiato. Ela aí vai junto por cheque. São 4.500\$00. Vamos a ver se na próxima vez pagamos a casa».

Continuamos com a mesma doutrina velha como velha, mas sempre nova, de S. Francisco de Assis: «é dando que recebemos» e a verdade é que conosco ela tem mostrado o seu valor e actualidade!»

A gente lê esta carta e torna a ler e nem sabe o que mais admirar: Se a união dos dois no mesmo desejo bom; se a confiança providencial;

— Continua na 4.ª página —



«Descemos à Tipografia. Entramos na composição».

«Vista alegre da Cidade dos Rapazes

Como entramos no Ano Novo, fizemos uma série de entrevistas.

Entramos na Casa-Mãe e a primeira vítima foi o Gaiato, representado numa estátua.

— Quem te pôs esse chapéu de palha na cabeça?

— Não sei. São tantos os que gostam de brincar comigo...

— Qual a maior aspiração para este novo ano?

— Que me arranjem um colega, para as horas custarem menos a passar...

Nisto deparamos com o Senhor Padre Carlos que nos disse: o que eu mais queria é que todos tivessem mais juízo e não me darem tanto que fazer. E com livros e papelada debaixo do braço desapareceu ao fundo do corredor.

Acrescentou ainda antes de fugir: «Se não rapares o bigode não podes falar para mim...»

Em seguida entramos na cozinha, onde a senhora dava

seca e umas calças novas pois também me quero pôr tiro-ne!...

Passamos pela capela e descemos à tipografia. Entramos na composição onde encontramos a rapaziada à volta com toda a ordem de trabalhos. O primeiro a responder foi o «Zé Fabião» que nos disse:

— Não falo a jornais. O que eu quero é que chegue a hora do comer...

Mais ao lado está o Fernando Dias «intertipista», que nos disparou: Que o Belenenses ganhe o campeonato (já chegaste fora da hora!) e que me deixem em paz, pois mal disposto ando eu.

Ao nosso encontro vem o «Carvalhito do Pereira», que remata sem deixar cair no chão:

— Neste ano a melhor prenda que me podiam dar era um automóvel, um fato e uns óculos escuros! Também eu queria mas não vejo jeitos...

Mesmo ali ao pé estavam o Neca Morais e o Quim, que responderam respectivamente: Uma cana de pesca e uma bola

Pelas Casas do Gaiato

PAÇO DE SOUSA



Mais uma visita da Morte. Desta vez foi para nos levar o Artur de Pereiro. Foi no dia 12 que vouu para o Seio de Deus. Foi do Hospital Geral de Santo António, onde foi submetido a várias transfusões de sangue. Foram feitos todos os esforços, inclusive o de se trazer para a nossa Aldeia ainda com vida, mas não pôde ser. Cumprimos a nossa missão, ele a sua, pois era chegada a sua hora. Só o voltaremos a ver na segunda etapa, a primeira da Vida.

Cá nos reunimos em volta do Altar do Sacrificio e rezamos por ti, Tu, agora, não te esqueças desta enorme legião de irmãos, não?

...E, até ao Juízo Final!

—Mais alguns colegas foram chamados à vida militar. São eles o Joaquim Brito, António Caetano, Manuel Pinto (Amarante), Agostinho Coelho e António Nascimento. Muitas felicidades para todos e que sempre sejam cumpridores do seu dever de cidadãos portugueses e que não se esqueçam nunca do emblema que trazem atravessado no coração — o de gaiatos e que sejam os semeadores da boa semente colhida dentro dos nossos muros para que espalhe a sua flor e apareçam os frutos que todos precisam de saborear.

Vivam os novos tropas!

Daniel Borges da Silva

TOJAL

«O pobre é verdadeira e a mais perfeita imagem de Jesus».

Foi a frase com que acabei a última crónica. Continuamos a meada. Quero eu dizer com isto, que aquele que o reconhece como tal, não pode de maneira nenhuma deixar de se compadecer e de começar a amá-lo. E se assim não o faz é um verdadeiro hipócrita.

E quem assim faz, começa nesse momento a exercer a caridade. Depois, o que tem a fazer, é cultivá-la mais com as suas obras. Mas, cautela neste ponto. Obras, obras que tenham sinais de caridade, porque se não têm caridade nada valem. Pelo menos, que possuam um pouco de ela, pois que, por pouca o humilde que seja, produz abundantes frutos. Deus olha menos para a obra, em si mesma, do que para o amor com que a fazemos.

Quem ama muito, muito faz. Muito faz, quem tudo faz bem. Faz bem aquele que serve mais o bem comum, do que a sua própria vontade.

Quem tem verdadeira e perfeita caridade, em nenhuma coisa se busca a si mesmo; mas deseja que em tudo se procure a glória de Deus.

A ninguém tem inveja; a ninguém atribui males; de ninguém calunia; não tem prazeres terrestres etc. porque deseja a si a bem-aventurança de Deus, aonde descansam com sumo gozo todos os santos.

Como é grande e bela a virtude da Caridade! Meditêmo-la e ponhamo-la em prática.

RECEBEMOS: No dia 16 do passado mês, em nossa Casa uma grande excursão do Pessoal do Banco de Portugal de Lisboa que vieram assistir à inauguração de duas belas casas do Património, oferecidas pelos ditos senhores.

Não quiseram ir-se embora só com aquela bela obra de caridade, deixando mais mercearias com as quais se devem abastecer os nossos pobres cerca de quatro semanas e mais 214\$ para a nossa Conferência.

Foi 50\$ de um anónimo, mais 20\$ de outro. Mais 20\$ de um vicentino.

Para estes senhores um muito obrigado e que Nosso Senhor os abençoe. — Em particular quero agradecer a um admirador da Obra o qual escrevendo-me disse:

«Pelo que li no «Gaiato» do mês findo a verba para o auxílio aos pobres da Conferência é exigua. De facto é uma notícia triste; mas você sabe muito bem que todas as obras boas têm os seus altos e baixos, os seus contratempos e nem sempre correm as coisas à feição.

Que o saudoso e malgrado Pai Américo os proteja e encorage sempre nas suas obras, inspirando os corações bem formados a auxiliar as Conferências e toda a Obra do Rapaz da Rua. Junto envio 10\$00 em selos do correio. Presentemente não posso dar mais, pois tenho de auxiliar também umas criaturas. Desculpe a insignificância, mas é dado de boa vontade para a Conferência».

Aqui está um coração inflamado no amor do Senhor.

Deus o ajude e o acompanhe nas suas horas de amargura.

Zé do Porto

BEIRE

—Estamos no tempo da plantação da batata. Nós, fomos os que tivemos cá mais batata no ano passado, que deu para nós, para Paço de Sousa e Lar do Porto. Se Deus quiser, este ano teremos a mesma sorte ou ainda muito mais.

—As obras vão andando. O Calvário vai-se acabando. O espigueiro que vai ser a Capela, também se vai acabando de erguer, porque o Senhor Padre Carlos quer que seja rezada a primeira Missa no dia do falecimento do nosso querido Pai Américo.

—A Senhora gosta de ver tudo a passear. Assim é a Casa do Gaiato. Estamos agora na época da Primavera. Não se esqueçam, pois, de visitar a linda Casa de Beiro, com a sua grandiosa quinta, repleta de flores, cheia de verdura e o chilrear dos passarinhos que por ela se espalham.

—Uma aventura cá do nosso Toninho. Ele estava a dar de comer aos perús e uma galinha foi depenicar na comida dos pintos; ele zangou-se, pegou na galinha arremessou-a ao chão, tendo morte imediata. Claro, que por cima disse que não fazia mal, pois a carne era saborosa.

—Temos cá um rapaz aleijadinho, que veio de Lisboa; se Deus quiser será o primeiro a frequentar o Calvário.

—Estamos próximos da Páscoa e que ressuscitou Nosso Senhor, que morreu por nossa causa para redenção dos nossos pecados. É tempo de desobriga para todos os cristãos. Não o fazendo praticamos mais uma ofensa ao Senhor.

Agora

Continuação da 3.ª Pág.

«Quis Deus...», «...é dando que recebemos»; se é esta compreensão justa de que devemos à comunidade uma administração recta e frutuosa para todos dos bens que Deus nos deu: «...a percentagem devida ao Gaiato»... Bendito seja Deus! Que Ele abençoe sempre e em tudo esta unidade feita de duas almas que a si mesmas se ligam por este nome: «Isabel—José».

A primeira Lourdes que adero à iniciativa da Casa de Nossa Senhora de Lourdes, com 500\$. Passam agora uns Herdeiros com 1.000\$00 e cinco vezes menos, «comemorando o meu 20.º aniversário de casamento» e as Noelistas, duas vezes com 4.360\$50 e 1.492\$50 e 500\$ mais 20\$ à porta do Lar e um bom Amigo com um lindo painel do Pai Américo para a Casa das Criaditas em Miragaia.

Resto de assinaturas, quanto foi dar ao Espelho da Moda o 952\$ de associados do F. C. do Porto.

Voltam a surgir caras conhecidas de mais ou menos longa data. É o Pessoal da HICA com 2.004\$80 e 1.974\$90. A Administração que se vá preparando que o semestre vem aí, não tarda. É o Pessoal do Grémio de Panificação, 202\$00. E o do Banco de Portugal com a 1.ª bolada prá 2.ª casa: 4.000\$00. E a Helena com duas vezes cem, respeitantes a Março e Abril. E os 20\$ do «tabaco a menos durante o mês findo». E mais esta carta, tão simples, tão bonita, tão cheia de espírito, para acabar com o mesmo pensamento do principio desta crónica:

«Desde Abril de 1953 que eu me propuz dar 10 por cento de meus ganhos, para auxílio de uma casinha, em favor de irmãos mais pobres que eu. Como infelizmente não sucede como nós desejamos segue-se que estou muito atrasada.

Liquido a dívida de 1955 enviando os meses em atraso. Maio, 58\$00; Junho, 90\$00; Julho, 140\$50; Agosto, 112\$50; Setembro, 9\$00; Outubro, 25\$50; Novembro, 56\$50 e Dezembro, 112\$00.

Peço não esqueça pedir em suas orações por esta pobre pecadora que lhe deseja muita saúde e a todos os seus rapazes. F. C. A.»

—Aqui vão os meus sinceros agradecimentos para a senhora de Oliveira de Azemeis, que me ofereceu um magnifico rádio.

Zéquina

CHALES DE ORDINS

Num meio tão pobre e educado como este, procura-se, pela Caridade material, educar, elevar, fazer Homens e Cristãos. Pelo corpo, atingir a alma. Pelo temporal, criar condições favoráveis à consecução do Céu.

As vezes reúnem-se as tecedeiras de chales. Há problemas a resolver e uma palavra de ordem a dizer. Assim em Janeiro último. O caso das tecedeiras-pecadoras públicas preocupava-me. Lança-se a mão á que caiu mais fundo. Recebe-se entre as tecedeiras, dão-se, por meio do trabalho bem remunerado, condições de vida digna, mas se ela, assim amparada, não reage e se levanta, então terá que abandonar o novo officio. Não será despedida, salvo casos muito especiais. Ela mesma, sim, desistirá.

Ora, na última reunião falou-se-lhes assim: «O comerciante deseja ganhar dinheiro. Nunca está satisfeito. Faz propaganda dos seus produtos, para conquistar os mercados. A tudo se abalança para competir. Negócios prósperos, eis o seu desejo. Ora os Artesanatos de Chales não são assim. Não estão lançados em moldes comerciais ou industriais. São uma pequena semente de Caridade. Tudo se tem feito por vós, para que tenhais mais pão. Só? Não. No repartir do pão, pretende-se que: não sejais mais escravas. Os ordenados nesta terra são de escravos. Não andeis tristes, por vos faltar o necessário em casa. Na doença vos possais tratar. Tenhais pão para os filhos que o Senhor vos der. Ajudeis o marido, na despesa da casa, com a vossa fêria, para que ele não abandone o lar, emigrando. Sendo o Evangelho executado para convosco, possais vós pô-lo em prática, nas vossas vidas. Executar o Evangelho, seguindo o exemplo de Nossa Senhora, como filhas, esposas e mães, pelo trabalho, obediência e castidade. Evidentemente que isto não é tudo. Procurai ser boas donas de casa. Tudo limpo: pesos, móveis, roupas, casa. Tudo em ordem: cada coisa no seu lugar. Tudo a horas: refeições e roupas lavadas e consertadas. Casa aseada e culto das flores. Mas, depois de serdes boas filhas, esposas, mães e donas de casa, ou, ao mesmo tempo, pense cada uma em ser boa cristã. Piedosa. Não me refiro às obrigações cristãs, mas às devoções. Uma mulher piedosa é uma riqueza numa casa. Pouca coisa seria uma mulher piedosa (?) que não cumprisse os seus deveres todos em casa. Seria também pouca coisa a que tudo cumprisse, mas não fosse piedosa. O ideal é conseguir ser, ao mesmo tempo, boa dona de casa e mulher piedosa, para em tudo, pelas suas virtudes, dar testemunho de Cristo».

Como o padre não pode salvar as mulheres perdidas, senão por meio da mulher cristã, piedosa, apóstola, escolheram-se, para este efeito, duas de Ordins e outras tantas de Ribas. Este conselho reuniria, no fim do mês, e daria conhecimento do comportamento de cada qual. As

culpadas apofitar-se-iam. O castigo viria. A multa seria total. Quando fôssem para receber, nada receberiam. Não seriam, porém, expulsas. No outro mês, se tivessem vida digna, então, sim, receberiam o desse mês. Para que vejam com seus olhos, que vale a pena ser mulher honesta, as transgressoras assistem, unicamente elas, ao pagamento das suas irmãs tecedeiras. Assim viram, em Janeiro, uma receber 844\$70, outra 680\$90, etc. Em Fevereiro, idem. Por outro lado, para que tomem mais consciência e seja mais doloroso o castigo, dá-se, mesmo às que caíram em alguma falta, todo o seu dinheiro. Mas, depois, são elas que, avisadas da multa, vêm com ele... Podia descontar-se-lhes, mas não.

Em pouco tempo, porém, se verificou que, não obstante toda a boa vontade em acertar, o conselho de tecedeiras vigilantes não podia continuar. A regeneração das perdidas ter-se-ia de fazer por outras vias: e uma delas, para bem de todas, teria de ser expulsa. Das outras duas, deve dizer-se que uma parece ter-se regenerado e a outra muito tem feito; se a esta pesou, uma vez, uma multa, não desanimou e, no mês seguinte, recebeu o correspondente ao seu trabalho.

Quanto ao embelezamento da casa, atribuir-se-ão prémios, de 100 a 20 esc., aos cinco melhores jardins floridos em Junho. Infelizmente, nem todas as tecedeiras desejam os prémios... Mas também já se vêem jardins formosos, graças às sementes oferecidas especialmente pela Casa do Gaiato de Beire e por A Germinadora, do Porto.

E vamos aos chales...

Na frente vai um vicentino de gema, o Júlio Mendes: «para dar que fazer — meteu-me uma impressão o S. O. S.!» — queira fazer o favor de mandar 2 chales prá nossa Conferência».

De Lisboa, uma senhora estrangeira vem por meia dúzia: «nao fiz mais cedo minha encomenda porque julguei que estavam cheios de trabalhos; estava aguardando que dissesse «precisamos». Pois, senhores precisamos das vossas encomendas. Um vale, e pronto. Não peçam a cobrança. Da capital, ainda mais quatro senhores que ouviram o S. O. S.

De Coimbra, dois chales «mui branquinhos e perfeitos» «para as minhas sobrinhas, gémeas e primeiras afilhadas». De Sanfins (Valpaços), outros tantos. Com a «maior admiração pela Humaníssima Obra da Rua criada pelo Bom e Saudoso Padre Américo». Parede vem por um para um enxoval dum criança pobre. Castendo levou também um. Das serras de Mértola, chegou-me um abraço do seu Pároco, que retribuo, acompanhado dum postal amigo e de 200\$00 em vale para dois chales. Outros tantos pede a nossa tão cobiçada e portuguesíssima Goa.

Em fins de Março, foi o último pagamento das tecedeiras. Das 23 artezãs, dez nada receberam, por falta de encomendas. Se assim agora acontece, que diremos em pleno verão? Os Senhores têm a palavra, com um vale de correio.

Padre Aires

O próximo livro a sair é o «DOCTRINA»

Se ainda não é, pode inscrever-se como assinante da nossa Editorial.

SETUBAL

Escondida no eucaliptal a nossa casa não se avista de Setúbal. Muito menos ali se ouve a algazarra dos gaiatos nas horas de saltar. São sete quilómetros. É longe. E por sê-lo vamos a pouco e pouco sentindo com pesar o esquecimento a que somos votados. Salvem-se as excepções!

Ora, a mãe nunca esquece os filhos. Setúbal têm-os aqui, os mais abandonados, em casa nova, lavada, mas nem sempre com o conforto preciso. A casa não é tudo.

Por isso, aqui nos apresentamos hoje com o intuito de expor algumas das nossas deficiências materiais.

Com o uso, a roupa dos rapazes enfraquece, perde espessura e rompe-se em dois dias. Pois as queixas da rouparia são as que mais alto soam. Os senhores escutem. São precisas calças, camisas, meias, lenços, lençois, tecido para fazer de novo. Um armazém!

No refeitório esperam uns pelos outros a vez de se servirem, por via da penúria lastimável, mas real, de pratos, talheres, copos.

Na cozinha já não se vêem conservas. Eu peço desculpa de ter dado a provar delas a outras casas do Gaiato. Mas vem Padre Carlos e leva, vem Padre Horácio e leva, e eis a razão porque já não temos conservas.

Pretendemos inaugurar oficinas de sapateiro e carpinteiro, mas não temos os apetrechos necessários, só a ideia, que aqui dispomos para que germine e dê fruto. As nossas casas não podem dispensar oficinas onde os rapazes se adestrem e ocupem proveitosamente o tempo.

Também o Crisanto lamenta a falta de um rádio para os mais novos, e jogos e bolas de ping-pong, para os maiores.

O Pirata vem todos os sábados com a mágoa de não ter calçado para distribuir por todos. E, aqui fica a mágoa dele, mais as minhas.

Padre Baptista